

AÇÃO DIRETA

SEMÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

PROCURE SEMANALMENTE
NAS BANCAS DE JORNAES

Ainda quando, do sossobro de partidos e facções, um só anarquista sobrevivente, o Anarquismo renasceria e, se nenhum restasse, o Anarquismo renasceria das mesmas forças que um dia o suscitaram.

ANO I

Rio de Janeiro — Domingo, 10 de Novembro de 1946

N.º 24

A Revolução Social CINCO DE OUTUBRO

O exame atento dos motivos propulsores da revolução social, revolução pela qual vai ser varrido o capitalismo, ou estatismo, revela ser o principal deles certa ânsia de transformação ideológica do proletariado.

Em última análise, a revolução social é consequência duma série de modificações na mentalidade da massa obreira. Decorre da sua vontade insistente de aluir pela força as disposições vigentes da sociedade. O irrompimento da revolução depende das condições econômicas, tais quais vigoram no próprio sistema social.

O proletariado, secularmente oprimido pelo Estado, almeja liberdade e vai raciocinando sobre os meios mais adequados de safar-se desse jugo e alijar o despotismo. Ao mesmo tempo vão-se esboçando idéias precursoras de uma organização social mais justa. Essas idéias acabam corporificando-se num ideal a que chamaram *Utopia*.

Essas idéias são forças antagônicas involuntariamente criadas pelo Estado capitalista. Quanto mais pioram, é claro, as condições vitais da massa oprimida, tanto mais intensa é a contrapressão da *Utopia Social*.

Ante o Estado, máquina opressora, duas atitudes dão-se no proletariado. Pode sua força defensiva perder ou ganhar elasticidade. No primeiro caso, desejo de todos os governos, degenera ou decai de tal maneira a vontade revolucionária que não consegue elaborar uma *utopia social*. Quando muito, satisfaz-se a massa passiva com uma dessas muitas, digamos assim, *utopias políticas*. No segundo caso, está convencido o trabalhador da justeza de sua ideologia utópica e espera, sófrego, o momento oportuno de realizá-la e libertar-se.

Diz-se vitoriosa a revolução no momento preciso em que a *Utopia Social* se transforma em realidade e os utopistas passam a realistas. Não é, pois, destrutiva, senão construtiva. Sua essência é o desabar do poder estatal e a expropriação dos meios de produção, monopolizados pelos proprietários por fraude eleitoral, pressão financeira ou terror impiedoso do Estado.

Com a vitória nasce nova ordem social e logo se desenha nova *Utopia*. Toda revolução, com efeito, é a substituição de uma *Utopia* (ideal) por uma *Topia* (permitted-me o termo, sinônimo de *ordem social*). Na história, sempre se depara esta sequência: uma *topia* gerando uma *utopia*; esta cresce, triunfa e se faz *topia*; gera outra *utopia* que se alarga até vencer, firmando-se em *topia*, e assim por diante.

A revolução é, pois, resultado sempre de uma evolução da mentalidade humana. Esse processo decorre conforme a lei do paralelograma das forças. Essas forças são a *medida* e não o *motivo* da revolução.

Revolução sem ideal (utopia), sem preparo mental, está destinada a falir, pois, nesse caso, não se pode falar de revolução, mas só de *revolta* ou *insurreição*, conseqüente a discórdias políticas ou efêmero malestar econômico. Em caso algum se pode confundir *revolução* com *levante militar*,

pois o militarismo não tem outra mira que o só militarismo.

O descontentamento, embora geral, nenhuma importância revolucionária tem se não se estrutura numa *utopia*, num conceito novo da organização social. Massa obreira sem ideologia não enfrenta governos. Não há *revolução* artificial. Toda revolução verdadeira brota na classe proletária ou sai do proletariado intelectual relacionado com aquela. Há de ser propaganda, fomentada nos círculos de trabalho, entre homens e mulheres mais conscientes, secundados por núcleos nascidos nos âmbitos da marinha e do exército.

Chegada a hora H e ciente o proletariado do que quer, alastra-se a chispa revolucionária, com velocidade elétrica, por todo o país, ateando chamas em pessoas e classes que jamais cogitaram de revolução social. A mensagem corre telepaticamente e todos compreendem, de repente, que a ordem social existente está condenada a desaparecer.

A força revolucionária, explosiva, toma formas imprevistas e tanta matéria inflamável se acumula quanta resistência oponha o adversário. Ao contrário, a s bernardas artificiais, mal encontram reação, logo se paralisam.

Não se pode considerar a revolução russa uma verdadeira revolução proletária visto não poder ali o proletariado dispor livremente dos frutos do seu trabalho. O Estado opressor permaneceu. Foi mais uma traição ao proletariado por um partido em que o trabalhador depositou excessiva confiança e que o submeteu ao mesmo jugo de antes.

Em verdade, a legítima revolução social só virá quando se operar no sentido indicado pelo anarquismo: completa libertação do indivíduo e vida social firmada no mútuo acordo.

Geminal

As datas que assinalam a queda de regimes monárquicos, absolutos, fascistas ou simplesmente reacionários, são marcos na luta pela liberdade dos povos. Em 5 de outubro de 1910, a monarquia portuguesa era derrubada por um movimento em que o povo participou decisivamente, pegando em armas para implantar um novo sistema de governo. Não importa que qualquer sistema de governo seja prejudicial à marcha dos ideais libertários. Aquela revolução, manobrada embora por elementos políticos que haviam de criar novos partidos em torno da máquina estatal, foi uma afirmação de coragem, de espírito de luta, em que as massas anônimas colaboraram, com heroísmo ingênuo e sacrifício total.

Depois, os políticos tomaram conta novamente dos órgãos do poder; outros políticos ou os mesmos políticos, isso pouco importa aos que, vencida a batalha, voltaram para os seus lugares de trabalho esperando que a vida melhorasse.

Um simples empregado no comércio, à paisana, de espingarda ao ombro, junto com os outros populares, montou guarda, na madrugada de 5 de outubro às caixas fortes do Banco de Portugal. Mas esse não teve depois a pretensão de

P. FERREIRA DA SILVA

viver do tesouro que ajudara a preservar. É hoje funcionário de um Banco em S. Paulo, e não arrota patriotismo libertador ao lado dos ricos e políticos despeitados, que se fingem democráticos nas comemorações do Cinco de Outubro.

Já antes da madrugada rubra de 1910, jovens idealistas arriscavam sua liberdade na propaganda dos candidatos republicanos ao parlamento do rei. Estudantes impetuosos, viram-se eles um dia cercados pela polícia burguesa e um grupo deles curtiu na cadeia longo tempo de cativo. Os candidatos republicanos ganharam seus postos no parlamento, mas nenhum teve um gesto de reconhecimento, visitando na prisão os que agitavam em comícios de rua a bandeira dos seus nomes. Um desses rapazes de antes de 1910 vive no Rio de Janeiro, tendo a seu cargo a secretaria de uma instituição beneficente. Também não aparece nas comemorações do Cinco de Outubro, porque recorda amargamente o procedimento daqueles que foram os precursores dos loquazes políticos de agora.

Mas alguém que ignora ou finge ignorar esses fatos, permite-se acusar de salaristas todos os que não festejam o Cinco de Outubro

Continua na 4ª pag.

Para quando o rompimento...?

Franco responde às divagações da ONU exterminando os valores mais positivos da Espanha

Por MANOEL PERES

Balanco Trágico

Em artigo publicado nestas páginas dizia eu, faz algum tempo, que «a O.N.U. discute e Franco assassina», e hoje, vendo que a O.N.U. volta a discutir o caso espanhol, temo que este organismo não tome nenhuma medida prática e enérgica contra o cruel ditador, o que determinará que este, animado pela covardia internacional, cometa novos atentados contra os heróicos antifascistas espanhóis.

Prova do que afirmo é o balanço trágico dos crimes cometidos por Franco durante um trimestre, ou seja, nos meses de junho, julho e agosto, condenando a morte e executando os seguintes antifascistas:

Em Sevilla

Honorato Corral Alonso, Juan Narasco Bengoechea, Alonso Arteaga.

Em Cadiz

Manuel Gonzalez Castellanos, Gabriel Salinas Rodrigues, Lucio Serrano Grados, Jesus Hernandez Palacios.

Em Madrid

Atilano Boral Miran, Cristobal de Miguel Villa, Emilio Garcia, Dionisio Fraile, José de la Cruz Peinado.

Em Alcalá de Henares

José Romero Encinas, Julio Sanchez Fernandez.

Em Barcelona

Bonifacio Garcia, Juan Cuadrado, Ramon Vivero Aliaga, Rafael Garcia, Segundo Nieto Lopez.

Em Zaragoza

Nicasio Saez Quintana, Ramon Prados Blanco.

Torturas e crueldades

Foram fuzilados em plena rua pela *Guarda Civil* a pretexto de que queriam fugir os antifascistas: em *Málaga*, Ramon Fernandez Vias; em *Avila*, Juan Martinez Ramos e Claudio Acerete; em *Bilbao*, morreu na prisão em virtude das torturas recebidas Daniel Alvarez.

Em *Basurto* morreram também, vítimas de torturas, José Aguirre Iturbe e Alexandro Moreno. Na mesma prisão foram vítimas de cruéis martírios os jovens estudantes Julio Nara e Victoriano Huerta. Em *San Sebastian* morreu no hos-

Continua na 4ª pag.

Renasce o Integralismo

A convenção do Partido no Teatro Municipal

Veio primeiro o snr. Theotônio Pereira, como embaixador de Portugal, a encontrar-se, naturalmente, com o embaixador de Franco no Rio de Janeiro.

Veio depois o cardeal Cerejeira, enviado naturalíssimo da Igreja Católica, a ex-aliada de Mussolini e protetora evidentiíssima da *Ação Integralista*.

Veio afinal o snr. Plínio Salgado para completar a trinca do sinistro plano fascista a que não deve estar alheio o presidente Perón.

Tudo isso estava claro, claríssimo.

Ora, a realização do plano iniciou-se com a Convenção do Partido de Representação Popular, nome atual da *Ação Integralista*.

E' de ver que, na Con-

venção, compareceu, em peso, o beaterio católico e os vedores mais assinalados do Cardeal e sua guarda.

Porém, o escândalo maior é a cooperação visível dos poderes públicos, ditos *democratas*, na efetuação da assembléia.

Concede-se o Teatro Municipal aos fascistas do Brasil para iniciarem suas atividades fascistas, sob a regência do mesmo boneco enfeitado, expulso em 37 pelo seu rival Getúlio Vargas.

E' de saber-se que esse mesmo Teatro Municipal fôra recusado:

1. para uma festa comemorativa da Libertação dos Escravos, organizada pela Liga de Defesa Nacional.

2. para uma festa da cantora brasileira Cristina Maristani;

3. para uma festa artística do Colégio Dois de Dezembro;

4. para uma festa do Serviço de Recreação Operária, apesar de ser instituição ministerial.

5. para a Convenção da Esquerda Democrática.

6. para a Convenção do Partido Comunista.

Saiba-se mais que os concessionários do Teatro Municipal são italianos que ostentavam, atrevidamente, suas camisas pretas, nos bons tempos de Benito Mussolini.

Mas, não nos dirão porque é tão estúpida a Democracia que, havendo guerdado e vendido esses bandos nefastos das ditaduras, permite que de novo se organizem, tomem fôlego, ameacem e reproduzam o

Continua na 4ª pag.

SEMPRE OS MESMOS

Traduzimos de Cultura Proletária (31 8) o seguinte artigo intitulado **Nuestros Hermanos los Comunistas e da lavra do companheiro espanhol Fernando Pintado.**

Com verdadeira emoção relembro os dias de libertação da França. Haviam desembarcado os exércitos anglo-americanos. Os homens da resistência, franceses e espanhóis, multiplicavam seus esforços para destruir os alemães, barrendo-lhes o caminho da salvação. Ao generoso empuxo dos resistentes abriam-se as portas dos Campos de Concentração e das Prisões. Saíam livres os reclusos por tempo indeterminado. Dos Campos de Castigo e dos cárceres arrastavam-se, semimortos, aqueles homens ali internados por não haverem claudicado ante o terror mantido meses e meses pela Gestapo alemã e pela Gestapo de Vichy. Quantos amantes da liberdade havia em França — franceses, espanhóis, italianos e gregos (pouco importava a nacionalidade) — empunharam armas com fervor para limpar o solo francês de bandoleiros e escravos a serviço de Hitler. E em tão nobre empresa fundiram seus corações num só coração e seus anelos num anelo só os homens da *Confederação Geral do Trabalho*, de França, com os homens da *Confederação Nacional do Trabalho*, da Espanha.

C. G. T. e C. N. T. unidas fraternalmente unidas, dirigiam a luta civil contra o fascismo invasor em todo o sul de França, e seus homens, trabalhadores franceses e espanhóis, regaram com seu sangue toda a terra francesa até lograr sua libertação total.

Depois? Seguiram os dias de júbilo, dias de festa, dias de confraternização entre os trabalhadores da C. G. T. e da C. N. T. O alcaide de Tolosa, naqueles dias inolvidáveis, ao ver estreitamente unidos os trabalhadores dos dois grandes sindicatos, proclamou, do balcão principal do capitélio:

«Espanhóis! Desde este momento, a cidade de Tolosa é a capital provisória da República Espanhola!»

E. na *Bolsa do Trabalho* — sede da C. G. T. — reencetaram suas atividades sindicais os trabalhadores franceses, cedendo à C. N. T. espanhola, grande parte de suas dependências. Desde então a *Bolsa do Trabalho* se tornou o centro de reunião do proletariado espanhol em França. Em seu salão nobre celebraram-se comícios, congressos, assembléias e toda a sorte de reuniões de propaganda. Em outras salas instalou-se o Comitê Nacional do M. L. — C. N. T. (Mov. Libert.—C. N. T.) e os comitês: local, regional e departamental. Tornou-se assim, a *Bolsa do Trabalho de Tolosa* o primeiro centro de resistência e ação anti-fascista. Formaram-se ali companhias completas e até batalhões de libertários espanhóis que foram expugnar os últimos redutos aos remanescentes do exército de Hitler, ainda ameaçadores em *Pointe de la Grave* e na *Rochelle*. Daí saíram para Espanha, com a mira de fortalecer a ação contra Franco, centenas de militantes do M. L. — C. N. T. muitos dos quais, os *menos desafortunados* se acham em poder da *Gestapo* franquista e dos *Tribunais da Falange*.

Mas... os tempos mudaram...

A *Place de Saint Sernin*, com sua magnífica Basílica no centro e a *Bolsa do Trabalho* em um dos flancos, perdeu sua fisionomia de lar espanhol.

Que sucedeu?

Sucedeu o pior possível. O M. L.—C. N. T. de Espanha foi expulso, muito delicadamente da *Bolsa do Trabalho* pela *Confederação Geral do Trabalho* de França.

Porque?

Porque a C. G. T. em Tolosa, está governada agora por *nostros irmãos*, os comunistas.

Nota de Ação Direta. São esses os *amigos do Povo Espanhol*.

Truman e o Papa

Nossos companheiros de *Tierra y Libertad* publicam em seu número de 10 de setembro um tópico digno de transcrição.

«Aos seis de março deste ano, Truman, num discurso disse: «Peço apoio a Igreja para minha política de paz». E aos 18 de julho último, o Papa proclamou sua confiança nos Estados Unidos para defesa do cristianismo.

Igreja e Estados solicitam mutuos serviços. Ante os perigos da revolução, o Papa estremece e roga, não a Deus, mas à *Força Bruta*, a *Autoridade*, possuidora da bomba atômica, oportuno auxílio, sendo mister.

Do Papa Vermelho a Truman, passando pelo Papa Negro romano, disputam todos a hegemonia dominadora dos povos, não importa como. Ao falar de *paz*, não se move o Papa como nenhum *Papa* religioso ou político, por sentimentos de piedade. Os que vivo queimaram Giordano Bruno, essa casta maldita de que brotaram os *Alexandres VI*, os *Loyolas*, os *Torquemadas*, os *Domingos de Gusmão* e tantos outros

Amigos enquanto podem servir à defausta política imperialista e antiprotetária de Stalin, ou desviar para ela os dinheiros auferidos a favor dos combatentes de Espanha. No âmago, fascista de outra côr, acirrados inimigos de qualquer movimento antiestatal, verdadeiramente libertário.

Em toda a parte, sempre os mesmos.

malvados, os clérigos, os sacerdotes de todas as religiões e de todas as políticas, não podem sentir piedade. O que todos querem e ambicionam é dominar o mundo, mas vêm, com terror, que esse mundo se lhes flui das mãos ante a luz da ciência e desaparecerá definitivamente quando a revolução sepultar, na mesma fossa, o Capital, o Governo e a Religião, os três verdugos do gênero humano.

A velha sociedade se esfrangalha debitada por suas próprias mentiras e seus próprios crimes.

Truman e o Papa ajudam-se para evitar o desmoronamento da mesma *Contra a Reação*, que apresentam, ponham-se em pé e marchem as forças do trabalho para uma nova forma de convivência social mais em harmonia com a natureza.

Animo! todos, pois estamos na soleira de uma nova era: **a anarquista.**

AVISO

Pedimos aos colaboradores que, dada a pequenez de AÇÃO DIRETA, reduzam seus artigos o mais possível. Temos em nossa mesa várias colaborações que, por demasiado extensas, não podem ser publicadas, embora excelentes.

Noticias anarquicas

— **L' Andunata dei Refrattari** informa que, durante o congresso dos escritores tchecoslovacos celebrado em Praga, no mês de julho, um célebre crítico literário, redator da revista literária *Kriviticky*, fez confissão plena de sua simpatia ao anarquismo.

Disse ele nessa revista: «Estive em contacto direto com o movimento anárquico nos países latinos e devo dizer que essas relações me deixaram vivíssimas lembranças e grande impressão. O motivo que determinou minha identificação com o anarquismo foi que, no mesmo, prevalece o elemento moral sobre o econômico. O interesse do anarquismo pelo homem manifesta-se acima de tudo. Mais ainda, porque o ideal anarquista aspira a libertar o indivíduo integralmente. Enfim, porque Lênin, em sua obra *O Estado e a Revolução*, apesar da crítica movida aos métodos revolucionários dos anarquistas, declarou repetidamente que as aspirações do anarquismo e do socialismo revolucionário de tipo comunista são os desejos da humanidade».

Nota. A crítica de Lênin, no citado livro, não passa de uma série de doestes, repetição de velhos chavões já usados por Liebknecht, pai:

Perguntamos: «A revolução de que se serviu o par-

(Continua na 4ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICA

Continuação do numero 23

Essa concentração em núcleos de população — muito diferentes das cidades atuais — é vantajosa para a produção e sobretudo para a vida social. A irradiação diária para fábricas e campos será fácil graças ao serviço de locomoção rápido e certo, que não dependerá, como hoje, das posses do trabalhador.

Ainda assim, o serviço da comuna, como o do município, obedece ao mesmo sistema geral simplicíssimo da anarquia, a saber cada serviço entregue aos técnicos, direção confiada a um pela associação respectiva, distribuição semanal do trabalho de cada qual — diária, quando for mister —, relação mensal dos serviços executados à assembléia de cada sindicato.

94 — *O almoxarifado* — Todos os instrumentos de trabalho comunal ou municipal, assim como todos os produtos guardam-se num armazem ou armazens gerais. Daí, são eles requisitados para os serviços ou para o consumo à medida das necessidades coletivas. Quando os instrumentos de uma comuna não forem suficientes para determinado serviço, ela requisitará os do município e, se este não puder fazer a requisição, requisitará os de outros municípios ou os da federação.

95 — *Papel da federação na produção* — Do mesmo modo que o município coordena os trabalhos das comunas, coordena a federação os serviços dos municípios. Essa coordenação é indispensável e se faz por meio de conferências semestrais ou anuais que traçam um plano de produção e distribuição. Demais, todos os serviços comuns a vários municípios — estradas, navegação, correios, socorros, etc. — devem estar enfeixados na superintendência federativa.

96 — *Papel da confederação* — A confederação é, para as federações, o que a federação é para os municípios: um órgão coordenador da produção e distribuição das riquezas. Essa coordenação se faz igualmente por conferências anuais.

97 — *Distribuição dos produtos* — Os produtos das comunas ou dos municípios concentram-se como vimos, nos armazens gerais das comunas, dos municípios ou das federações e de lá são distribuídos conforme as requisições das mesmas comunas. Assim, uma comuna açucareira envia seus sacos de açúcar para o armazem do município, guardando, naturalmente, no seu próprio armazem, um estoque suficiente ao seu consumo. As demais comunas não açucareiras requisitarão aos armazens gerais do município o açúcar de que precisam para seu

consumo. Caso o município não tenha nenhum açúcar ou não tenha o suficiente para o consumo de suas comunas, requisita o necessário à federação, em cujos armazens gerais se acumulam as sobras de todos os municípios. Igualmente, se à federação falta um produto, ela recorre aos armazens da confederação.

98 — *Serviço de transporte* — Para perfeita distribuição dos produtos, dois serviços indispensáveis há: o *transporte* e a *estatística*.

Um dos maiores tropeços de organização capitalista é o transporte, sujeito a taxas, tarifas, passagens e a desenfreada concorrência de companhias gananciosas. Para as trocas internacionais, então, novos entraves surgem, sendo o primeiro deles a inferioridade concorrencial dos produtores situados no interior do país perante os mais vizinhos do mar ou das fronteiras. Têm de pagar frete muito maior. Outro óbice tremendo são as alfândegas com seu sistema proibitivo, levado à loucura depois da guerra mundial. Esse sistema dá em resultado o seguinte paradoxo: o mundo produz muito mais do que necessita para seu consumo e, no entanto, populações morrem de fome, ao passo que outras destroem o excesso dos seus produtos. Outro paradoxo: a Europa tem sobre-excesso de trabalhadores e falta de terras; a América tem excesso de terras e falta

de braços. Pois a Itália proíbe a emigração dos italianos e os Estados-Unidos expulsam levas de estrangeiros.

Em sociedade anárquica o transporte, livre do sistema tarifário, é confiado a uma comuna especial cujo ecúmeno são as estradas de rodagem, as de ferro, as fluviais, as aéreas e subterrâneas, e cujas sedes estão nos municípios, federações e confederações, coordenadas pela direção dos técnicos de cada especialidade.

99 — *Serviço de estatística* — Para perfeita coordenação desses serviços, indispensável é uma repartição impecável de *estatística*, onde se conheça, dia por dia, a situação dos armazens gerais nos municípios e federações. As apurações diárias poderão ser transmitidas pela radio-telegrafia.

100 — *O consumo* — O acôrdo anárquico, já vimos, resume-se na frase: «De cada um conforme suas forças a cada um segundo suas necessidades». Desde que pertença à comuna, tem o indivíduo direito de retirar do armazem geral, quanto lhe falte. O indivíduo não tem a propriedade das cousas; tem o *usufruto*. Requerido um produto para seu uso, ninguém tem o direito de o privar dele enquanto dele se servir.

É lícito a qualquer indivíduo retirar mais do que lhe basta, por exemplo, numerosas botinas,

vários relógios, demasiado papel de carta. Cedo se convencerá da inutilidade disso, pois não poderá calçar mais de um par de botinas de cada vez, ou carregar nos bolsos uma dúzia de relógios, ou guardar em casa um a resma de papel, quando melhor ficariam no almoxarifado, da comuna. Na sociedade atual, capitalista, há tendência e vantagem no apossar-se o indivíduo de riquezas; em sociedade anárquica; não havendo nisso vantagem, cessa a tendência. A única exigência para o consumo é que o comuneiro execute os serviços a que se comprometeu. Veremos o que sucederá caso se furte a isso.

101 — *Progresso* — Cumpre agora mostrar como se promoverá, em sociedade anárquica, o progresso. O grande sociólogo francês, Gabriel Tarde, demonstrou que todo progresso resulta de uma lei a que chamou *lei da imitação*, a qual depende da facilidade inventiva do homem. Segundo ele, o progresso tem sua lógica, um de cujos termos é a *invenção* e o outro, a *imitação*. Por exemplo: Blaise Pascal, o geômetra, inventou o carrinho de mão — *brouette*. Essa invenção era favorável ao transporte caseiro. Logo todos os jardineiros entraram a *imitá-lo*, fabricando ou adquirindo carrinhos desse tipo. O progresso é sempre a propagação de uma idéia favorável.

CONTINUA

AÇÃO ANÁRQUICA

Um jornal anarquista em esperanto

RAFAEL MALAGUERRA

O esperanto — é fácil de compreender — não é anarquista nem burguês, católico nem budista, espírito nem ateu, republicano ou monárquico. Como qualquer outra língua, constitui um precioso instrumento de relação entre os homens e os povos e, portanto, representa um patrimônio social ao alcance e para desfrutar de todos os seres humanos. Se, desde que, após laboriosos e fecundos estudos de filologia comparada, o sábio médico e poliglota dr. Luiz Zamenhof ofereceu ao mundo a sua obra genial, esse idioma que é um elo maravilhoso destinado a resgatar os homens da divina maldição da Torre de Babel, os anarquistas têm sido os seus mais entusiásticos defensores, isso resulta de que a «idéia interna» do esperanto, como Zamenhof chamou à generosa concepção ideológica que presidiu à elaboração da língua mundial, coincide com os altos ideais do anarquismo.

Se é certo que o esperanto conquistou adeptos em todos os setores de opinião religiosa, política e filosófica (de tal modo que hoje se contam organizações mundiais de esperantistas de credos mais dispares, das mais variadas e opostas tendências, com seus boletins e revistas no idioma comum da humanidade), não é menos certo, porém, que, em nenhum arraial, ele despertou mais fervorosas dedicações do que no nosso. A razão é fácil de descobrir: é que, enquanto para um burguês, o esperanto não passa de um instrumento que lhe facilitará a troca de selos, de bilhetes ilustrados ou de caixas de fósforos, para enriquecimento das suas coleções, se é colecionador; a realização de negócios, se é comerciante; ou as viagens, se é turista; e enquanto para qualquer membro de seita religiosa ou partido político o esperanto constitui um meio eficaz de difusão internacional das suas doutrinas, para os anarquistas ele tem um sentido muito mais profundo: o sentido que deriva da própria concepção da língua universal, do idioma da grande pátria planetária, sem fronteiras, sonhada pelo grande judeu Zamenhof, que, muito cedo, sentiu as misérias de um mundo dividido por fronteiras cada vez mais artificialmente impermeáveis, em que os homens estão catalogados em nações, dentro de rígidas linhas artificiais, que nada, nem a astrologia, nem a geometria, mas apenas as torpes ambições dos senhores feudais, de um Hitler ou de um Mussolini, determinam e fixam.

Por isso o sábio anarquista Pedro Kropótkine escreveu: «O Esperanto dissolve as fronteiras que dividem os povos, impedindo-os de se compreenderem e geram as sangueiras fratricidas chamadas guerras. Entendo que os anarquistas, que caminhamos na vanguarda dos mais generosos movimentos do progresso e da liberdade, temos o dever de aprendê-lo e de praticá-lo». Romain Rolland, o grande romancista do «Jean Cristophe», o mais puro evangelho dos ideais libertários, exprimi-se assim a respeito do idioma anarquista: «Prevejo para o esperanto um papel notável na tarefa da civilização e da confraternização dos povos, mais eficaz do que todas as diplomacias». Recordemos também que um dos primeiros e mais esforçados pioneiros do esperanto no Brasil foi outro grande anarquista, o nosso malogrado e valoroso camarada francês Paul

Bertelot, infausta e precocemente falecido no sertão de Goiás, onde relizava estudos de etnologia e sociologia entre os índios e onde escreveu, na língua universal, essa joia da literatura anarquista, que é o «Evangelho da Hora».

Só os chovinistas, os patrioteiros, os partidários de um mundo dividido em bocadinhos, sem fundamento etnológico nem sequer geométrico, em que os povos são mantidos num rigoroso insolamento entre si, para que não se entendam e, unidos, não vençam o inimigo comum, que é o capitalismo apátrida, hostilizam o esperanto.

Foi o que se verificou na Alemanha de Hitler e o que se verificou na Espanha de Franco e na Santa Rússia do «paizinho dos povos», Stalin, onde o ser esperantista é motivo suficientemente justificativo para ir parar à cadeia, ou à Sibéria. Por isso o órgão do Partido Comunista Brasileiro proíbe, nas suas colunas, a propagação do esperanto, e a Universidade Popular, irradição do mesmo partido, dirigida pelo sr. capitão Luiz Carlos Prestes, o mesmo que berrou contra as geladeiras, só porque são, segundo disse, produto do imperialismo anglo-americano, inscreveu no seu programa, em vez do esperanto, como língua internacional, sabem? Pois, se não sabem, pasmem: o inglês básico, o calão que o buldogue do imperialismo britânico, sr. Churchill, e os cães-de-guarda do capitalismo americano se esforçam por impor ao mundo, como arma secreta (arma secreta para quem não conhece o papel da língua como instrumento, que sempre foi, de dominação imperialista) dos imperialismos anglo-americano para domínio do mundo,

Seguindo a estrada reta e única que conduzirá a humanidade à Anarquia e ao socialismo, um grupo de camaradas residentes em França iniciou a publicação de um jornal libertário, «Senstatano», como órgão da Internacional das Juventudes Libertárias. «Senstatano», que aparece com excelente aspecto gráfico e em substituição de «La Nigra Flago», visa à propagação do esperanto nos meios anarquistas e das idéias anarquistas nos meios esperantistas. A assinatura anual custa 70 francos franceses ou sete cupões de resposta internacional (à venda na estação dos correios gerais) e o endereço é o seguinte: E. Vivancos — 1 rue Fontaine au-Roi — Paris (11).

Os camaradas têm o dever de ajudar o referido jornal com a sua assinatura. Assinando-o, ajudarão a difusão das nossas idéias numa escola universal e ajudarão a estabelecer-se esse mundo onde, como o grande precursor do anarquismo, Diógenes, possamos gritar:—Sou cidadão do Universo!

Administração

Pede-se insistentemente aos contribuintes de Ação Direta que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

A AUTORIDADE POLÍTICA

Continuação do n.º anterior

O povo é quem sofre com essa giga-joga. Assiste a tantos esbaldos e bandalheiras, que se arrepende de haver votado. Mas... é tarde:

A política é o maior embuste do Estado contra o povo. Daí o motivo de grande parte da população ser abstencionista, ou votar em branco quando não pode deixar de comparecer no pleito por circunstâncias particulares. (Entre tanto os políticos são astuciosos e sabem tirar proveito de todas as situações e estatuem que os votos em branco serão contados em favor dos governistas...) Tais manobras perdurarão até que o povo se convença dessas patifarias e se recuse terminantemente a comparecer nas eleições.

O Estado é o maior inimigo do indivíduo. Explora-o desde que nasce, obrigando-o a registrar-se e tirar Certidão de Nascimento para provar que nasceu, até que morre, pois depende de atestado de óbito para provar que morreu. Durante a vida, cobra-lhe selos e impostos para comer, para trabalhar, para vestir-se, para estudar, para tudo... É uma exploração sem fim. O Estado ainda encarrega fiscais de vigiar o tributário como prova de desconfiança. Isso

Outro abuso condenável dos governos está em empregar o dinheiro do povo para organizar milícias afim de agir contra esse mesmo povo. O Estado que condizir um canivete para papéis, picar fumo ou descascar frutas está sujeito a ser preso (se for rico, consegue licença para porte de armas), mas as classes servís, os representantes da lei e da autoridade, tem o direito de andar armados, anciosamente. E assim, protegidos pela lei e garantidos pelas armas, cometem toda espécie de arbitrariedades.

A lei é absurda e imoral. Aquele que a aplica não o faz em seu próprio nome, mas em nome da sociedade, como a mão do corpo social. Todavia, moralmente, é o culpado e responsável pelo ato que pratica. Que é a Sociedade para ter direito de punir o indivíduo? Porque colocar a personalidade do Estado acima da personalidade do indivíduo?

Futuramente a opinião pública deter-se-á quando puder ferir os interesses do cidadão.

A autoridade não respeita os ideais humanos. Aquele que não acata as leis dos regimes sociais existentes, por mais injustas e deshumanas que sejam, pagam caro. A um sinal do governo as forças repressivas — os sentinelas da força — erguem-se a um tempo para espancar, torturar, matar o povo, sem se lembrar de que são uma fração desse povo, de que, na multidão, pode estar sua mãe, seu pai, sua esposa, seu filho, seu irmão ou seu amigo. Trucidam o povo e encarceram os que por acaso escapam à refrega, deixando suas famílias ao desamparo. A imprensa, o rádio, o telégrafo, o telefone são empresas capitalistas e desvirtuam os fatos da melhor maneira possível para a sua classe. No fim, a culpa é do povo que não se curvou ante a autoridade... e os criminosos ficam impunes como sempre.

O Estado e o indivíduo, são dois inimigos irreconciliáveis.

O dia em que o povo compreender isso, o Estado deixará de existir.

A autoridade econômica

A autoridade econômica é representada pela Propriedade. O Capitalismo é a modalidade contemporânea da Propriedade. O latifundiário, o industrial, o negociante e todos os representantes do Capitalismo pagam impostos ao Estado e contribuem para a Religião para merecer o seu apoio na «exploração do homem pelo homem».

Somos dos que consideram deshonesto todo negócio. O sujeito que compra uma mercadoria por determinado preço e a vende tanto por cento a mais furta a porcentagem acrescida ao justo valor. O governo, recebendo uma parte do furto para autorizar sua prática, contrai uma espécie de sociedade com o vendedor; é cúmplice na usurpação. Aquele que vende um artigo clandestinamente está sujeito ao confisco do mesmo por não entregar ao Estado a sua parte.

A sociedade que tem por princípio o sistema da propriedade privada protege e favorece aos que a possuem, qualquer que seja o processo pelo qual foi adquirida. O organismo legislativo preparado pela classe possuidora é (e não poderia deixar de ser) elaborado no sentido de conservar o regime da Propriedade inalterável. As lutas pela propriedade nessa ordem social ramificam-se em todas as camadas, mas os ricos saem sempre vencedores. Estes não têm necessidade de violar as leis que eles próprios criaram e podem expoliar e até roubar sem cometer crimes. Mesmo, se chegam a fazê-lo, as suas riquezas lhes proporcionam meios para se salvarem.

«O dinheiro é uma chave que abre todas as portas»... — como é comum dizerem.

A lei com seus códigos, tribunais, cadeias, polícias e forças armadas são instituídos com o fim de proteger a burguesia e escravizar a plebe. O rico que furta é tido como cleptomaniaco e não recebe punição, o pobre vai para a cadeia como gatufo. O rico que mata é julgado em «estado de passividade dos sentidos» e posto em liberdade, o pobre é homicida e condenado. O rico faz o que entende com toda segurança, enquanto o pobre vive coagido por toda sorte de restrições. A grande diferença do número de prisioneiros das duas classes atestam essa afirmação irrefutavelmente.

Todas as normalidades sociais são resultantes da luta do capital com o trabalho. O trabalho é a fonte produtora e o capital é a usurpadora. O trabalhador precisa produzir de cinco a dez vezes o que ganha para fazer jú ao salário. O lucro do seu trabalho destina-se a sustentar o patrão, sua mulher, suas amantes, filhos, amigos... e a acumular. E o miserável que trabalha, que produz, ao fim do mês, muitas vezes, não pode comprar uma camisa para vestir, ou um vestido para sua companheira, ou um par de sapatos para o filho.

O proletário entra para uma fábrica ou oficina modesta, pequena; com o passar do tempo vê o estabelecimento crescer, crescer, crescer e suas condições permanecem inalteráveis: — trabalhar um dia para comer no outro. Percebe que está sendo explorado, que os lucros do patrão são as bagas do seu suor materializadas, mas não pode protestar. Tem medo de externar seus sentimen-

tos de revolta contra a servilização e sofrer as consequências. Se abandonar aquela casa terá de sujeitar-se ao mesmo regime em outra... e não pode perder um dia de serviço; senão, faltará o alimento para os seus. Perde então a confiança nos homens ao pensar que a felicidade de todos depende do interesse mútuo, e a fé em Deus, ao deduzir que, se houvesse um ente perfeito e justo regendo os destinos da humanidade, não permitiria a injustiça de uns morrerem de fome e outros de indigestão. A vida do trabalhador no campo é igualmente digna de lástima. Plantando e colhendo para os outros comerem, vivem em revoltante miséria. É o obreiro que responde pela sobrevivência do povo e não recebe nenhuma recompensa de que e merecedor. Falta-lhe toda assistência moral e material. Está colocado à margem da sociedade. Não conta com uma escola para o filho, nem dispõe de um médico em hora difícil. É um herói anônimo entre a plebe da escravidão branca.

A burguesia defende os seus interesses alegando que a força propulsora do trabalho é o capital. Deviam lembrar-se de que a origem de toda riqueza é deshonesto. Com que direito alguém se diz possuidor de um pedaço de terra, por exemplo? Porque deu tantos mil cruzeiros por ele? Mas, que importa? Ele pode tê-lo adquirido de fulano, este por sua vez ter feito uma transação com beltrano, mas quem o comprou ao «primeiro dono»? É claro que o seu «primeiro dono» se apoderou dele indebitamente... E a própria lei burguesa preceitua que quem compra roubo é ladrão.

Perguntam os capitalistas porque não enriquecemos para termos também uma situação assegurada. Porque somos escrupulosos e a grandeza não nos seduz. Sabemos que hoje é fácil conquistar fortuna. Qualquer sujeito astucioso e de pouco senso tem todas as probabilidades de tornar-se capitalista. O monopólio, o câmbio negro e toda espécie de manobras altistas constituem sérios perigos para a economia popular. Meia dúzia de açambarcadores brincam com as necessidades do povo, elevando o custo da vida de maneira insustentável. Um capitalista tem recursos para controlar o leite, a carne, o pão ou qualquer outro produto de maneira que falte no mercado e ele possa elevar o seu preço ao bel prazer. Pouco lhe importa a miséria ou a fome da massa. Só uma grande e radical transformação moral e social nos livrará de cair no domínio dos patifes, deshonestos e cretinos.

O Capitalismo corrompe a humanidade. O amor, que é o mais belo poema da vida em face da natureza, também sofre a sua nefasta influência. O casamento está sujeito a formalismos e legalidades, debaixo de um prisma puramente econômico. A educação também está desmoralizada, e constitui privilégio dos afortunados.

Estamos em uma encruzilhada histórica que desemboca em um desfiladeiro que conduz ao socialismo. Teremos o socialismo estatal, em cujo regime o Estado é o único possuidor, como na Alemanha, Rússia e Itália, ou o socialismo coletivista, em cuja ordem social a propriedade, os bens,

Continua na pag. seguinte

CINCO DE OUTUBRO

(Continuação da 1ª pag.)

bro. Pura mentalidade fascista, do «quem não é por nós é contra nós». Pois bem, seja assim. Os libertários aceitaram sem restrições essa declaração de hostilidade. Antecipam-se a ela, por via das dúvidas, manifestando em todas as circunstâncias a sua aversão a qualquer espécie de democratas burgueses, já que, no fundo, todos eles são burgueses ou capitalistas ou conservadores antes de democratas.

Na luta contra o fascismo salazarista, apela para a colaboração de todos os anti-fascistas. Tanto lhes faz que seja republicano, comunista, anarquista, liberal ou socialista. Cada um guardará as suas convicções particulares, ajudando na guerra contra o inimigo comum. Mas esta amável tolerância é logo desmentida, quando pretendem que um anarquista, por exemplo, vá ouvir respeitosamente as suas arengas e declarações de deslocados ou ambiciosos, saudar uma bandeira ou ouvir um hino. Ora, isso não é possível, porque as finalidades de cada uma das alas anti-fascistas são profundamente irreconciliáveis.

Uns são anti-fascistas no ostracismo, e serão governamentais e conservadores, portanto reacionários, no poder. Outros não são anti-fascistas por acaso, mas radicalmente inimigos da tirania e do poder, seja qual for o seu colorido ou denominação.

Mas não renegamos o Cinco de Outubro, como não esquecemos o 14 de julho, a Comuna de Paris, a queda do czarismo moscovita, a derrocada do trono espanhol. Os bravos da Rotunda, os que, pelas aldeias obscuras de Portugal, vibraram machadadas tremendas no clericalismo, cumpriram

Notícias anárquicas

(Continuação da 2ª pag.)

tido bolchevique foi a parlamentar preconizada pela social-democracia? Não deu pleno resultado a revolução anárquica de Makhnó na Ucrânia, a qual só pôde ser abafada por miserável traição dos chefes bolchevistas? Não previram os anarquistas do mundo inteiro que o tal Estado proletário, *intermediário, provisório*, degeneraria, de cessão em cessão, de recuo em recuo, no mais atroz Estado opressor, tirano, imperialista? Não mostram os fatos o erro de Lênin e o acerto dos métodos anarquistas? O método seguido por Prestes no Brasil não decaiu na mais reles política eleitoral, de conchavos, repúdios e manobras?

uma tarefa grandiosa na incomensurável jornada da emancipação. Esses merecem a nossa devotada lembrança. Não os que pretendem apenas substituir o salazarismo por um democratismo igualmente opressor. Nós queremos outra liberdade, a liberdade integral e pura. Por ela lutaremos contra o salazarismo e contra todos os que não quiserem reconhecê-la.

A autoridade política

(Continuação da 3ª pag.)

são coletivos, do povo. Devemos decidir...

O que deve animar o trabalho é a necessidade latente de movimentar-se, de distrair, de produzir e ser útil, e não o interesse de lucros. O trabalho é uma necessidade orgânica como outra qualquer. Um homem não resistiria a viver sem trabalhar. Não suportaria ficar um mês, dois, três meses olhando o tempo. O tédio despertaria seu interesse para um mister, fosse o que fosse. (A prova está em que o rico trabalha, por maior que seja a sua fortuna, mesmo o mais ocioso). É o corolário do trabalho na sociedade anarquista.

O dia em que o povo compreender isto: a Propriedade, o Capitalismo — deixará de existir.

O povo vive eternamente descontente com o governo e suas instituições, em todas as partes do mundo, mas tem medo de protestar e, em consequência, ser punido. Sucodem-se as formas de governo e os governantes e as condições do povo não melhoram. Os partidos, por mais revolucionários que sejam, apenas continuam as obras dos antecessores porque visam antes de tudo aos próprios interesses. Temos, como exemplo, o movimento revolucionário do proletariado russo, que, depois da vitória, deixou o governo passar às mãos do exército, que hoje escraviza o povo impiedosamente.

O anarquismo é a única ideologia que se propõe a abolir o Estado, a Religião e a Propriedade ao mesmo tempo, criando um mundo livre para homens livres. E somente o anarquismo salvará a humanidade, quando os homens, exaustos pela asfixia da autoridade, irromperem um grito uníssono: — LI-BER-DA-DE!!!

RAUL VITAL

Renasce o Integralismo

(Continuação da 1ª pag.)

mesmo problema de antes?

Não vêm esses democratas de olho verde e amarelo que se vão refazendo os elementos da guerra civil entre as duas facções totalitárias, comunistas de um lado, integralistas do outro e que, vitoriosa qualquer delas, será esmagada torvamente a democracia no Brasil?

Ou haverá, em tudo isso, profundos interesses na repartição do bôlo?

Os políticos, leigos ou religiosos, são capazes de vender até a alma a Belzebut!

O Socialismo da Igreja

(Ver o numero anterior)

4. O homem, relativamente aos bens da terra, tem, não só a facilidade geral de usá-los, como os animais, senão também o direito perpétuo de os possuir, quer os consumíveis com o uso, quer os que o uso não destrói.

Isso é tirado da encíclica *Rerum Novarum*, esse triste documento de sofismaria inoperante, verdadeira nulidade em matéria social, quando comparado à prodigiosa lógica do livro de Proudhon *Que é a propriedade?* Neste livro, absolutamente irrefutável, e até hoje irrefutado, pergunta o autor aos proprietários quem lhes deu esse tal direito, dito *natural*, da propriedade, segundo o qual pode um homem possuir certos bens, mais ou menos vultosos, estável e perpetuamente (*stabilis perpetuoque jure*, segundo diz a encíclica).

Com seguríssimo exame, conclui sempre Proudhon que, encarada por qualquer face, a propriedade particular ou estatal é sempre fruto de um roubo!

Pois o número seguinte do *Regulamento* assevera, como se fosse ponto pacífico, exatamente o contrário. Diz assim:

5. *E' direito natural indiscutível a propriedade particular, fruto do trabalho ou da indústria, da cessão ou doação e cada qual pôde razo-*

Para quando o rompimento...

(Continuação da 1ª pag.)

pital para onde fora conduzido, após sofrer bárbaros martírios, o jovem antifascista Domingos Latamendi.

Prisões e condenações em massa

Em *La Coruña*, capital da Galiza, foram condenados, num só dia, a penas que oscilam entre 30 anos de trabalhos torçados e morte, 42 antifascistas. Em *Vitória*, capital de *Alava*, foram detidas e torturadas 50 pessoas por terem organizado uma manifestação durante o chamado *Congresso de Pax Romana*. O número de pessoas detidas num trimestre no norte da Espanha é superior a 300 e na Catalunha excede 800. Casos idênticos foram verificados nas regiões de Levante, Andaluzia, Astúrias e Castilla.

Eis aqui o balancete trágico que nos oferece a Espanha de Franco, tudo com o beneplácito das chamadas *democracias*, que falam continuamente de liberdade e de justiça enquanto fornecem ao ditador armas e matérias primas permitindo que ele extermine os valores mais positivos da heróica terra de Durruti, Garcia Lorca e Ferrer Guardia. Até quando?

O proletariado internacional e os homens de consciência livre e honrada têm a palavra. Confiar na O. N. U. e cruzar os braços num gesto de indiferença é colaborar com os assassinos do povo espanhol.

velmente dela dispor a seu talante.

Para o *Regulamento* é direito indiscutível, sem ver, precisamente, que a *questão social* nasceu da contestação desse tal direito, da apresentação, à consciência humana, de tremendos argumentos contra ele.

Esse *direito* foi indiscutível enquanto pesava na consciência humana essa teologia católica, vasquejante, nos últimos arrancos, em toda a *Rerum novarum*. Logo, porém, que a humanidade se sentiu com forças, nos pródomos da revolução francesa, de pensar alto, esse tal direito foi negado e indigitada a propriedade particular como causadora das desgraças humanas.

Mas, em pleno século XIX, e, como dissemos, a Proudhon, elaborar uma demonstração incontrastável, completa, definitiva sobre essa infame instituição.

O *Regulamento* passa por cima desse convulsionante movimento como se até hoje ninguém se houvesse alçado contra esse *indiscutível* direito.

Como indiscutível se é justamente ele o que mais se discute?

Mas os homens do *Regulamento* sabem que escrevem para católicos, para homens fanáticos, desarrazoados, isto é, cuja razão lhes foi tirada do intelecto por um processo lento de narcotização, calcado nos terços, ladainhas, procições, confissões, retiros e infinitos sermões pregados sem temor de imediata rebatida.

VI. *Para acalmar o conflito entre ricos e proletários, cumpre distinguir justiça de caridade. Só há direito a reivindicação quando foi lesada a justiça.*

A encíclica *Rerum novarum* faz tal distinção. Os patrões, os ricos, devem rigorosamente aos trabalhadores o preço estatuído ou combinado dos seus serviços. E' a parte da *justiça*. O rico proprietário, o empregador nenhum favor faz ao operário e a este, se lesado, cabe o incontrastável direito de reclamar o devido, de reivindicar o negado.

Fora disso, preceitua a justiça, nada pôde o salariado reclamar. Contudo, será só isso o que devem os ricos estritamente dar aos pobres?

Não! responde a Igreja, e o papa Leão XIII, na famosa encíclica, dá uma explicação que os trabalhadores devem aprender e guardar como índice bem claro da chôcha mentalidade católica romana e suficientíssima para classificar-se tão inepto documento.

Recordando as palavras do Apóstolo que ordena aos ricos dar facilmente ao próximo necessitado, comenta a encíclica (esta parte agora refere-se à caridade): «Ninguém, por certo, é compelido a favorecer os mais com a quota necessária a si e aos seus, nem sequer a dar a outrem o quanto lhe é mister para sua manutenção e conforto: *«Ninguém com efeito deve viver fora das conveniências»*. Mas, satisfeitas as necessidades e o decoro, cumpre agradecer os indigentes com o que sobrar (*de eo quod superat*). *Dai esmola do que sobrar (Quod superat, date eleemosinam* (Lucas XI,41). São deveres esses não de justiça, exceto em casos extremos, mas de caridade cristã, a qual não cabe a ninguém reclamar por meios legais». Acima dessas leis, entretanto, alega o papa, sobreleva a lei de Cristo que ordena a esmola aos pobres: «Toda vez que algo hajais feito a um destes meus menores irmãos, a mim terás feito».

Aí têm os trabalhadores a solução de Leão XIII!

Em pleno século XIX, esse papa celebrado não acha coisa melhor para resolver a profunda

questão social que esta verdadeira miséria, este asco, esta nojenta cousa: a esmola!!!

E vem outro papa inepto, faz um regulamento para a *Ação Católica* e reproduz, como solução definitiva, esse mesmo escárnio.

Os ricos roubam à grande, por mil meios e modos. Foi Deus que lhes deu essa opulência. Para que? Para gozarem, eles e os seus, segundo suas conveniências e decoro, bom palácio, ricos móveis, ótimas roupas, lindo automóvel, joias para a mulher e as filhas (as queridinhas também são da *conveniência*), etc., etc. Apesar de tudo sobra alguma cousa. As mesas dos ricos sempre têm migalhas para os Lázaros. De tais sobras, *deve* o rico dar *esmola* aos mesmos que lhe deram as riquezas todas. Essa aviltante esmola é boa solução para um papa ultrarico, de cujo trono de ouro, garantido por exércitos, marinha e aeroplanos, pode, impunemente, atirar cusparadas às faces doloridas dos seus irmãos em Cristo... e nas de Cristo também.

Continuaremos.

Fragmentos

1) «Espírito de Porco»

Vem a expressão de um fato bíblico. Entrara o espírito do demônio no corpo dos porcos e ei-los enfurecidos.

Desta vez, porém, não se precipitaram no mar; atiraram-se às criaturas, espalharam o terror, ceifaram vidas, e por fim, uns mataram os outros!

Destruíram-se alguns porcos. O espírito do demônio, libertado e agora em seu corpo, folga e ri.

E' preciso matar o demônio; do contrário; o seu espírito entrará no corpo de outros porcos...

O demônio é a exploração do homem pelo homem: o seu corpo é o Estado; o seu espírito, a guerra.

Os porcos são os mercenários encarregados da defesa do Estado.

2) A água do Rio

A água do Rio de Janeiro, de agradável que era gerou lenda: quem a bebesse jamais dele se esquecerá e desejava voltar.

Hoje, que contrasta! A água imunda e já condenada fez desaparecer a lenda.

Sim, já condenada! Recém-saído do Colégio Pedro II, ouvi do capitalista Casimiro Costa, que êle mandara analisar a água que hoje bebemos e, fazendo-a chegar ao Parlamento, êste, em consequência da análise, a condenou!

Passam-se os anos. surge um dos titeres da reação internacional que, na bancada gaúcha, hipotecara solidariedade ao Governo de Bernardes, por haver abafado a revolução de 1924, chamando, aos revoltosos a que chamara heróis e mártires em 1930, aventureiros, cangaceiros, lampeões. Então, mancomunado com certa Companhia, faz analisar a lama, condenada em face da análise, para a cidade que ele converteu em valhacouto de criminosos de toda a natureza.

Se viesse a público o despudor com que se atirou nessa empresa seriam santificados todos os condenados como ladrões, inclusive o mau ladrão.

SERAPHIM PORTO

Propaguem

Ação Direta